

/ PALAVRA DO LEITOR

Plano Diretor

A Câmara de Vereadores de Porto Alegre aprovou a primeira parte do Plano Diretor da Capital (Jornal do Comércio, edição de 24/04/2026). Infelizmente, será votado um projeto que não discutiu com a população de Porto Alegre as mudanças climáticas, os efeitos das enchentes, o problema da moradia social; não deu alternativas à mobilidade urbana, não considerou os quilombolas e os indígenas. Não é um plano para a população porto-alegrense. *(Maria Conceição Lopes Silva)*

**Plano Diretor II**

Foi aprovado um Plano Diretor que deixa de planejar. O projeto não atualizou as cotas e sistemas de proteção da cidade e irá piorar a mobilidade. Porto Alegre entrará na contramão do urbanismo moderno. *(Leonardo Branco)*

Plano Diretor III

Na minha opinião, o projeto aprovado na Câmara de Vereadores de Porto Alegre é um avanço para a cidade. *(Júlia Zardo)*

Plano Diretor IV

Porto Alegre é a capital do Rio Grande do Sul. Portanto, merece ser sempre modernizada. Quem pensa ao contrário deve se mudar para outra cidade. *(Delton Castro)*

Falta de engenheiros

Na coluna Começo de Conversa, Fernando Albrecht falou sobre a falta de engenheiros (JC, 22/04/2026). Com muita satisfação leio todas as manhãs o Jornal do Comércio, iniciando pelo Começo de Conversa. Ao ler a coluna da edição do dia 22 sobre a vontade de importar engenheiros e empresas da construção da China, me chamou atenção o título pois sou formado em Engenharia Civil há mais de 45 anos. Temos ótimos engenheiros e empresas construtoras no Rio Grande do Sul e no País, capazes de fazer frente a todas as demandas de infraestrutura. O problema é o governo que de forma irresponsável e inconsequente não cumpre com pagamentos, prazos e projetos aceitáveis. *(Henrique Cé Junior, por e-mail)*

Produção de soja

A CJ Selecta, produtora brasileira de Concentrado Protéico de Soja, reforça seu papel pioneiro na transição energética ao avançar no processo de certificação do RenovaBio (JC, 23/04/2026). Agora é com a soja, mas o milho é usado para a produção de metanol há décadas. O resíduo, na produção do etanol da soja, é perfeitamente aproveitável (e exportável) para a alimentação animal, como os chineses fazem com a própria soja. O mesmo com o bagaço de cana, que serve de alimentação para o gado. Quase tudo se aproveita dos resíduos da agricultura, principalmente como adubo ou cobertura. *(Ruy Walberto Simon, por e-mail)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é "Artigo" ou "Palavra do Leitor". Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Reconstruir o presente, educar para o futuro

Inácio Reinehr

A enchente de 2024 no Rio Grande do Sul não foi apenas um evento extremo: foi um marco coletivo de dor, perdas e, ao mesmo tempo, de mobilização sem precedentes. Seus números ainda impressionam e precisam ser lembrados.

O nível do Guaíba atingiu 5,37 metros em Porto Alegre, superando com folga o recorde histórico de 1941. Cerca de 2,4 milhões de pessoas foram afetadas em 478 municípios e 185 vidas foram perdidas.

Para além das estatísticas, o que permanece é a memória daquele período. Histórias interrompidas, famílias desalojadas, comunidades inteiras reconfiguradas. E, em meio a tudo isso, algo que talvez explique por que seguimos em frente: a capacidade de solidariedade do povo gaúcho. Foi uma corrente poderosa e feita de gestos concretos.

Nesse contexto, muitas instituições foram chamadas a ir além de suas funções habituais. O Colégio Anchieta precisou se reinventar rapidamente para atender a uma realidade urgente. Seus espaços passaram a acolher desabrigados, e uma ampla rede de apoio se formou, envolvendo colaboradores, estudantes, famílias e ex-alunos. Doações chegaram de diferentes lugares e foram organizadas e distribuídas com agilidade.

Dois anos depois, o desafio é compreender o que aprendemos. A tragédia escancarou fragili-

dades estruturais, evidenciou a urgência de políticas públicas mais eficazes e reforçou a necessidade de preparo diante de eventos climáticos cada vez mais frequentes. Mas também revelou algo fundamental: a importância de formar cidadãos capazes de agir com empatia, responsabilidade e compromisso com o outro.

A experiência vivida em 2024 mostrou que aprender não acontece apenas dentro da sala de aula. Aprende-se, sobretudo, quando a realidade nos convoca a agir. Quando valores como solidariedade, escuta e cuidado deixam de ser conceitos abstratos e se tornam prática cotidiana. Seguimos, como sociedade, em processo de reconstrução.

Talvez a maior lição desta tragédia seja esta: diante da adversidade, o que nos sustenta não é apenas a capacidade de reerguer o que foi perdido, mas a disposição de cuidar uns dos outros, um aprendizado que também se constrói por meio da educação. É essa força - coletiva, solidária e humana - que seguirá transformando e refazendo caminhos.

Diretor Administrativo do Colégio Anchieta

A enchente de 2024 foi um marco coletivo de dor, de perdas e, ao mesmo tempo, de mobilização

As vantagens de alugar um imóvel

Mario César Soares

O mercado imobiliário brasileiro está exigindo uma visão estratégica dos proprietários de imóveis. Quando se possui um apartamento à venda, manter as chaves na gaveta pode ser um erro financeiro custoso. O cenário atual transformou o imóvel não apenas em um bem de capital, mas em um poderoso instrumento de geração de renda passiva através da locação.

Manter um apartamento vazio é aceitar a depreciação e o custo de manutenção

Vamos aos fatos: dados recentes do Índice de Variação de Aluguéis Residenciais (IVAR/FGV) mostram uma estabilização nos preços, com alta de 0,30% em fevereiro. Para quem tem um imóvel vago, isso é um sinal de previsibilidade.

Em um contexto onde a taxa Selic está a 14,75% ao ano, o custo de manter um patrimônio parado é altíssimo.

Isso porque enquanto o comprador ideal não aparece, o aluguel cobre os custos fixos e ainda oferece um retorno mensal que pode ser investido em ativos de liquidez diária. Além disso, vale lembrar que um imóvel ocupado se degrada menos do que um fechado.

Sabemos que muitos proprietários hesitam em alugar seu imóvel temendo "perder a venda", mas a realidade do mercado contemporâneo desmistifica esse medo. Com a alta dos juros dificultando o financiamento para muitos compradores, a demanda por locação disparou. O público que hoje não consegue arcar com as parcelas de um financiamento bancário é o mesmo que está disposto a pagar um valor justo de aluguel por um imóvel bem localizado e conservado.

Outro ponto importante a ser destacado é a rentabilidade. Ao alugar o imóvel, o proprietário deixa para trás despesas com IPTU e condomínio e garante uma receita positiva de até 0,7% do valor do imóvel. Vejamos o exemplo de um apartamento que custa R\$ 500 mil. Ao colocá-lo para alugar, o proprietário sairá de uma despesa anual de cerca de R\$ 12 mil, com os encargos mencionados acima, para uma receita de aproximadamente R\$ 27 mil - um ganho de R\$ 39 mil por ano.

Por isso, o olhar do proprietário moderno precisa ser pragmático. Manter um apartamento vazio é aceitar a depreciação e o custo de manutenção sem contrapartida. Alugar um imóvel enquanto se aguarda a venda não é abrir mão do negócio principal, é exercer a inteligência financeira.

Diretor-executivo de aluguéis da Auxiliadora Predial